

Rede Globo: do advento à era tecnológica da TV digital

Tácio Piacentini *

“Sim, eu uso o poder”

(Roberto Marinho)

O início

O primeiro passo para o surgimento da Rede Globo de Televisão se deu em 1957, quando o Presidente Juscelino Kubitschek aprovou a concessão de TV a Rádio Globo, de Roberto Marinho. Estava nascendo ali o grande centro disseminador de idéias e informações do País, o “padrão Globo de qualidade”, sendo concretizado em 1965.

A Rede Globo já nascia sob fruto de uma polêmica, através de um acordo com o grupo americano Time-Life, o qual financiava o canal brasileiro. Era proibida por lei a injeção de capital estrangeiro em uma empresa de radiodifusão brasileira. Na época, estimou-se que os valores da negociação atingiram a cifra de seis milhões de dólares, quantia impressionante para aquele período, sendo que a TV Tupi, concorrente da Globo, tinha investido trezentos mil dólares na sua melhor emissora. No mesmo ano, foi instaurada uma CPI para averiguar o assunto, entretanto, as denúncias foram abafadas pelo regime militar. Nas palavras de Roméro da Costa, autor do livro *Afundação Roberto Marinho*, ex-*controller* da Fundação em questão e ex-assessor de Boni, o qual foi durante muitos anos braço direito de Marinho, o acordo Globo/Time-Life não se trata apenas de violação à Constituição,

“é antes de mais nada um suporte de mídia que visava apoiar, dar base, sustentação e consolidar a Ditadura no Brasil, apoiada e supervisionada pela CIA, por exigência dos EUA, comandado por terroristas da CIA, como Vernon Walters e Joe Wallach, sendo este último com emprego fixo na Globo, como ‘representante’ do grupo Time-Life”.

Quando a parceria foi dissolvida, em 1969, a Globo já tinha poder e dinheiro suficiente para se tornar a maior rede de TV do País.

Globo e a Ditadura Militar

É fato que, durante todo o período da Ditadura Militar, a Rede Globo teve uma relação harmoniosa com o regime, sendo esta, o grande órgão propagador dos feitos militares no País, como o “milagre econômico”. Não foi à toa que, em 1970, a TV Excelsior, principal concorrente da Globo e opositora ao regime, teve a licença de TV cassada, deixando o caminho livre para a Globo. Enquanto isso, sua programação era transmitida via Embratel, à época estatal e subsidiada pelo regime, a todos os grotões do País, pois era interessante para os militares haver um canal de TV que tivesse alcance em todo o território nacional. A Ditadura deu prioridade ao desenvolvimento de um moderno sistema nacional de telecomunicações (Sistema Telebrás), criando um ministério e viabilizando a compra de televisores a crédito, sob o objetivo da “segurança e integração nacionais”. Diante disso, sob uma jogada de interesses políticos misturada com tecnologia, o poder da Globo só aumentava: o número de afiliadas aumentou exponencialmente em todo o Brasil. As palavras do então presidente Médici refletem a situação na época: “Sinto-me feliz todas as noites quando assisto o noticiário... Por quê? Porque no noticiário da TV Globo o mundo está um caos, mas o Brasil está em paz... É como tomar um calmante após um dia de trabalho...” (ANHAIA MELLO, p.38). Segundo Roméro da Costa,

“esta associação Globo-Ditadura foi o principal motivo e razão da longevidade de uma ditadura de vinte anos e da grande prosperidade e sobrevivência da própria Rede Globo que, em reciprocidade ao apoio à Ditadura, recebia anúncios e mais anúncios dos governos militares como forma de pagamento. (...) E às custas da ditadura militar a Globo enriqueceu e tornou-se um fabuloso império nascido na lama e da lama”.

A Globo “foi a concretizadora, ao nível do imaginário, dos sonhos e promessas do milagre brasileiro – que concretamente não se cumpriram” (KEHL, p. 173).

Influência da Rede Globo na formação da Nova República

Com o fim da Ditadura Militar se aproximando, em meados dos anos 80, a Rede Globo também se rendeu aos “novos rumos democráticos” que o País estava tomando. Mesmo sendo omissa em relação às “Diretas-Já” que ocorria naquele período, a Globo quis se agarrar no novo governo que estava por vir. A escolha de Antônio Carlos Magalhães, velho amigo de Roberto Marinho, para o Ministério das Comunicações do governo Sarney só fez prevalecer os interesses da emissora. Assim sendo, novas negociações foram feitas. O caso da NEC do Brasil é surpreendente. Esta empresa, de matriz japonesa, era a principal fornecedora de equipamentos de telecomunicações para o governo brasileiro, até que o ministro ACM resolve romper este contrato. Dessa forma, a empresa, que valia cerca de 380 milhões de dólares, foi desvalorizada, passando a valer muito pouco. Aproveitando isso, a Globo paga pelo controle da empresa (51% das ações) menos de um milhão de dólares, e logo depois, “misteriosamente”, o contrato entre o governo e a NEC é reestabelecido, e esta volta a ter o antigo valor. Na mesma época, a TV Aratu, afiliada de 18 anos da Rede Globo na Bahia, tem o contrato encerrado por Marinho, em uma atitude inédita. A TV Bahia, pertencente à família de ACM, é escolhida como a nova repetidora do canal carioca naquele estado, lembrando que o político baiano tinha pretensão de disputar o governo estadual nas eleições seguintes. Um detalhe importante é que a TV Aratu, na época, tinha alta rentabilidade e estava presente em 319 dos 339 municípios baianos, diferente da TV Bahia, a qual tinha lucro bem menor, baixa audiência e estava presente em apenas 110 municípios.

Diante esses fatos, a Rede Globo não estava mais conseguindo ligar sua imagem a de uma mídia independente e imparcial à sociedade brasileira. Por causa disso, a emissora teve a idéia de inserir na sua programação artistas e personalidades que tinham sido perseguidos na ditadura e banidos pela própria Globo, os quais podemos citar a novela “Roque Santeiro”, de Dias Gomes e o programa musical “Chico & Caetano”. Uma declaração do próprio Chico Buarque comprova o posicionamento da emissora na época da ditadura: “A censura proibia algumas músicas. A TV se encarregou de ser mais realista que o rei e proibiu o meu nome” (ANHAIA MELLO, p.34). A Globo fingiu como se nada

tivesse acontecido. “Com a Nova República, a Globo teve seu poder fortalecido. (...) Uma Nova República que sustenta a Globo e nela se sustenta” (HERZ, p. 71).

A eleição de Fernando Collor de Mello

A eleição de Collor talvez caracterize o mais famoso ato de parcialidade da Rede Globo. O ano era 1989, e os brasileiros, após 28 anos sem eleger diretamente seu presidente, estavam ansiosos para este momento. A Globo, já consolidada há tempos como a maior rede de TV do País, poderia exercer grande influência na eleição presidencial. E ela se utilizou dessas artimanhas, a fim de não perder seu poder que vinha se acumulando ao longo dos sucessivos governos presidenciais.

O fato gira em torno do último debate, já no segundo turno, entre Lula e Collor. No dia seguinte a isto, é exibida no *Jornal Nacional* uma edição deste acontecimento, favorecendo descaradamente o candidato Collor de Mello. Era uma transmissão dos melhores momentos de Collor no debate, contra os piores momentos de Lula. As pesquisas na época revelavam empate técnico entre os dois candidatos, e essa jogada da Globo, na véspera da eleição, fez com que Collor vencesse a eleição por uma pequena margem de votos. Segundo Armando Nogueira, que naquele período era responsável pelo jornalismo da emissora, as ordens para efetuar a edição teriam vindo de cima, ou seja, do próprio Roberto Marinho. Nogueira, após o episódio, foi afastado da emissora, por discordar do seu chefe e da edição.

O governo de Collor, como se sabe, foi um grande desastre. A Rede Globo, percebendo tal fato, passou a apoiar a cassação do presidente, mostrando de vez que joga “para onde os ventos sopram”. O *impeachment* foi concretizado, e no fim da história, a Globo teve os méritos do acontecido. Através disso, pode-se concluir que, para onde a Globo vai, o Brasil a segue; a emissora teve o poder de eleger e de cassar um presidente.

O processo de “homerização” da população brasileira desenvolvido pela Rede Globo

Não é novidade para ninguém a capacidade que a Rede Globo tem para transmitir informações e fazer com que elas sejam fixadas como verdade. O poder de alienação que a

emissora transmite a todos nós é incrível. Tudo isso é ajudado pela falta de esclarecimento da população brasileira. Muitos brasileiros, levados, quem sabe por ingenuidade, ou talvez ignorância mesmo, acreditam na máxima “o que a Globo diz é a pura verdade”. Há cidades que têm, como único acesso à notícia, as imagens e a “qualidade” da emissora de Roberto Marinho. Ter acesso a apenas um tipo de informação é péssimo para o senso crítico. Para a família Silva, que mora em uma casa de dois cômodos em uma violenta favela na periferia de Salvador, “o *Jornal Nacional* apresenta o que acontece no mundo...” (ANHAIA MELLO, p.53).

E essa triste realidade é confirmada por nada menos que William Bonner, editor-chefe do *Jornal Nacional*. Em uma declaração feita no fim de 2005, na presença de professores universitários, Bonner comparou o espectador do JN à Homer Simpson, da série *Os Simpsons*, trabalhador, pai de família e sem grandes aptidões ou interesses intelectuais. Se isso é realmente verdade, grande parte da culpa é da própria Globo. Ao longo dos seus poucos mais de 40 anos de história, ela se preocupou mais em ter poder em todos os sentidos ou em servir aos interesses do povo brasileiro e transmitir de fato informações de bom nível e totalmente imparciais? Temos que conviver diariamente com programas como *Big Brother*, *Domingão do Faustão*, entre outros. A grande missão da emissora é agradar a todos sem informar, e isso se torna válido a partir de outra declaração de Bonner: “Precisamos ser claros para quem tem a formação acadêmica mais refinada e para quem não pôde ter educação nenhuma – sem que o didatismo irrite o primeiro, nem que a sofisticação excessiva afaste o segundo”.

As novelas da Rede Globo

Quando se fala em Rede Globo, impossível não associá-la com suas novelas, as quais são a sua principal atração desde o início das transmissões do canal carioca. Um produto de exportação valiosíssimo, produzidos nos próprios estúdios da emissora, onde são investidos milhares de reais a cada capítulo. Os índices de audiência são recordes, sendo que o país chega a parar em determinados momentos só para assistir aos últimos momentos de uma novela, por exemplo. Nos bares, botequins ou mesmo em uma roda de amigos é algo bem comum falar sobre o que está se passando na novela e os atores

“globais”. Mesmo as gerações posteriores já ouviram falar em frases como “quem matou Odete Roitman?”, uma alusão à novela “Vale Tudo”, transmitida entre os anos de 1988 e 1989.

A combinação entre Globo (principal rede de TV do país) e novelas (seu principal produto) cria uma onda de informações incrível em um país pobre como o Brasil, onde há uma grande parcela da população desassistida, desamparada e que vê nas novelas o sonho de ostentar o luxo e a boa vida dos personagens ricos, os quais estão sempre presentes: milhares de brasileiros se inspiram nestes ou nos modismos delas. As músicas que compõem a trilha sonora de uma novela são sucesso garantido nas rádios e nos outros programas de TV da própria emissora, como o “Domingão do Faustão”, sendo que é o sonho de um cantor ter sua canção tocada em uma novela. Os atores “globais” são requisitados para os mais diversos eventos e são tratados como ídolos: o Projac é a verdadeira Hollywood brasileira.

Porém, tudo isso não passa de mera fantasia. A historiadora Maria Rita Kehl, ao se referir às novelas, diz:

“Porque não é um projeto que esqueceu da pobreza, da periferia. Contemplou. Porque se esquecesse não daria certo. Mas contemplou maquiando, apontando uma perspectiva de ascensão pelo trabalho, pelo investimento. Como se o Brasil houvesse tentado viver na forma de farsa, o que foi mesmo o sucesso do *self-made-man* em uma outra época do capitalismo” (ANHAIA MELLO, p.36).

Além do mais, com as novelas, a Globo achou uma forma de obter lucros, através do *merchandising*. Em várias, se não em todas, vários produtos aparecem, despertando os olhos do telespectador, e derramando milhões nos cofres da emissora.

“O telespectador assiste a um capítulo. O seu consciente se envolve no enredo. Nas cenas, logotipos de produtos e de serviços são apresentados, embutidos nas relações de aventura e de amor. O público pensa que acompanha apenas a novela, mas é bombardeado por apelos consumistas. Por isso, se diz que o *merchandising* é indireto, subjetivo e inconsciente” (RAMOS, p.81).

Ou seja, a novela é mais um ícone e produto do sistema capitalista, que faz com que a população sonhe, consuma e muitas vezes se iluda. A novela é dotada de um “caráter fetichista”, no mesmo plano da idéia de Karl Marx.

A Globo, a fim de mostrar que as novelas têm a ver com a realidade do povo brasileiro, muitas vezes coloca nelas temas em evidência no âmbito da sociedade, principalmente nas novelas das oito, as quais são as mais assistidas, dando a impressão de que busca soluções para os problemas do país e dos brasileiros. Como exemplos que marcaram têm-se a personagem Camila, de “Laços de Família” (2000), a qual passou um momento crítico por causa da leucemia; a questão das terras e da reforma agrária, desenvolvida em várias novelas, como em “O Rei do Gado” (1996); e, mais recentemente, em “Páginas da Vida” (2006), onde os temas da segurança pública e da anorexia são abordados.

O avanço tecnológico da Rede Globo

Um fator muito importante para o avanço da Rede Globo, em relação aos outros canais de TV brasileiros, diz respeito ao uso da tecnologia, mesmo que obtida por meios ilícitos, como o exemplo já citado acima sobre a transmissão Via Embratel “patrocinada” pelo governo militar. A emissora carioca sempre inovou no país nesse quesito, investindo pesado e trazendo o que há mais de moderno no mundo no ramo das comunicações. Por exemplo, a Globo foi a pioneira no mundo a realizar uma transmissão intercontinental em HDTV (tecnologia digital em alta definição), ao vivo, na Copa da França, em 1998. Também foi desenvolvida por ela o sistema “Closed Captions”, primeiro sistema do mundo que utiliza a tecnologia de reconhecimento de voz para captura de texto em tempo real e exibição através dessas janelas para deficientes auditivos. Sua estrutura física também conta muito: em 1995, foi inaugurado o maior centro de produção de entretenimento das Américas e um dos maiores do mundo, a CGP – Central Globo de Produção, no Rio de Janeiro, também conhecido como Projac, o qual foi construído de forma irregular a partir da década de 80. Tudo isso mostra que a Globo impôs uma modernização na televisão brasileira.

Outro aspecto interessante que envolve tecnologia e poder foi a formação, por parte da Globo, de um grande conglomerado nas telecomunicações, envolvendo serviços que vão da eletrônica (NEC) à transmissão de dados (Vicom), passando por pager (Teletrim), TV a cabo (NET), TV por assinatura (Sky) e Internet (Globo.com), a *holding* Globopar, ou seja,

um grande monopólio nas mãos de Roberto Marinho. Porém, todo esse investimento causou sérios problemas à Rede Globo, pois foram contraídos muitos empréstimos de investidores estrangeiros, em dólar, na época em que havia a paridade com o real. Com a desvalorização do real, o montante de dívidas aumentou de forma absurda, o que por pouco não causou a falência da Globopar. Para salvar sua empresa, a Globo teve que vender participações da *holding* a grupos estrangeiros, o que ocorreu com a NET, por exemplo, onde o grupo mexicano Telmex comprou ações. Isso fez com que a Globopar tivesse lucros, e a Globo reduzisse e renegociasse a sua dívida. Tudo isso explica a “omissão”, por parte da emissora carioca, nas eleições presidenciais de 2002, ano que marcou o auge da crise de suas finanças. A vitória do candidato Lula era quase certa, e a Globo queria manter boas relações com o futuro presidente, já que dependia de empréstimos do BNDES. De qualquer forma, a Rede Globo continua sendo a sócia majoritária da Globopar, ou seja, seu poder e influência no âmbito das telecomunicações não se resumem apenas à televisão.

A nova era da TV digital sob o olhar da Globo

Uma notícia que esteve presente na imprensa brasileira durante todo o ano de 2006 foi sobre a novela envolvendo a TV digital no Brasil. Por meses existiu a dúvida de qual modelo seria o escolhido. Entre o americano, o europeu e o japonês, este último foi o preferido do Ministro das Comunicações, Hélio Costa. Quais seriam os motivos dessa escolha?

Um primeiro ponto em questão diz respeito à trajetória do atual Ministro das Comunicações. Ex-jornalista e correspondente internacional da Rede Globo, não seria por acaso que Costa defendesse os interesses da grande emissora. A Globo não escondia o desejo de que o padrão japonês (ISDB) fosse escolhido: uma fonte diretamente envolvida com o SBTVD (Sistema Brasileiro de TV Digital) revelou que a Globo teria feito um acordo, mediante troca de favores. Empresas japonesas teriam emprestado dinheiro para a emissora, e esta garantiria a escolha do modelo japonês no Brasil.

O que se vê é que o ministro não usou nenhum critério para a escolha do ISDB. Casos como esse exigem uma adaptação ou até uma nova legislação, evitando assim questionamentos e problemas na justiça, porém, Costa fez questão de não defender

nenhuma mudança no marco regulatório da rádiodifusão, de 1962. Ou seja, o Brasil vai dar início à TV digital com uma legislação da época onde a TV analógica ainda era uma novidade. Ao mesmo tempo, ele cancelou reuniões com representantes da sociedade civil para discutir o assunto, reunindo-se apenas, em eventos fechados, com os representantes dos canais de TV, mostrando claramente que essa decisão teve a influência dos poderosos da comunicação, principalmente da Rede Globo. Hélio também não esteve presente em reuniões com os representantes dos outros modelos de TV digital, dando a idéia de que a escolha já estava concretizada há tempos.

Tudo isso pôs fim à criação de um modelo brasileiro de TV digital, o qual já estava em fase de andamento. Cinqüenta milhões de reais já tinham sido investidos no projeto, o qual visava a formação de 22 consórcios de universidades brasileiras, envolvendo 1500 pesquisadores. Dessa forma, o Brasil perde a oportunidade de se tornar um grande produtor mundial de conteúdo audiovisual multimídia, algo por excelência na Era da Informação, tornando-se, pelo contrário, dependente de mais uma tecnologia internacional, e refém das (des)informações da Rede Globo.

Considerações finais

Para a maioria dos brasileiros, não há nada de anormal ao ligar a TV e assistir a Rede Globo. Quase ninguém imagina o que se passa por detrás da tela. A Rede Globo revolucionou sim, a televisão e os meios de comunicação brasileiros, mas junto com essa revolução vieram entranhados jogos de poder e corrupção, que dariam conteúdo de sobra às páginas policiais. Desde sua criação e até hoje, a emissora carioca atua nos bastidores políticos do Brasil, procurando sempre atender seus próprios interesses. Roberto Marinho já faleceu, mas ao que parece, seus herdeiros continuam preservando a sina do pai. Um país democrático começa por uma imprensa democrática, e esse não parece ser o caso do Brasil. Enquanto isso, fazemos parte de uma população que assiste a tudo isso sem nenhuma reação, e que se deixa influenciar cada vez mais pelas (des) informações da grande mídia. Com o avanço das tecnologias referentes às comunicações, as quais são caras e exigem grandes investimentos, poderemos ficar ainda mais reféns dos detentores da informação. O Brasil está carente de uma boa imprensa. Depende de cada brasileiro fazer mudar essa

situação e principalmente, de um governo que não tenha medo de mudar leis, extinguir monopólios e tirar das mãos de políticos redes de rádio e TV. O Brasil sofre até hoje por essa intervenção de governos passados, que, com o auxílio da Rede Globo, concederam a políticos emissoras de rádio e TV em suas regiões, colaborando para a formação de “currais eleitorais”. Nossa legislação para a radiodifusão, de 1962, é ultrapassada e só abre brechas favorecendo aos poderosos. Até quando teremos meios de comunicação alienantes, onde temas educativos são raridade? Se há um poder que nunca perderá força, pelo contrário, este é o poder de quem controla a informação. E em plena Era da Informação, tal controle em péssimas mãos seria ultrajante para a própria liberdade. Livre, portanto, é aquele que não tem uma Rede Globo em seu país.

Referências bibliográficas

ANHAIA MELLO, Geraldo. Muito além do Cidadão Kane, 1ª edição. São Paulo: Página Aberta, 1994.

DA COSTA, Alcir Henrique; FERREIRA SIMÕES, Inimá; KEHL, Maria Rita. UM PAÍS NO AR – História da TV brasileira em 3 canais, 1ª edição. São Paulo: Brasiliense/FUNARTE, 1986.

HERZ, Daniel. A história secreta da REDE GLOBO, 1ª edição. Porto Alegre: Tchê, 1987.

RAMOS, Roberto. GRÃ-FINOS NA GLOBO – Cultura e merchandising nas novelas, 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo>. Acesso em: 05 dez. 2006.

<http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed114/valeapena.asp>. Acesso em: 05 dez. 2006.

<<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/08/260332.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2006.

<<http://estagiar.globo.com/conhecendo.jsp?id=9>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

<<http://redeglobo3.globo.com/institucional/>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

<<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/06/356922.shtml>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

<<http://www.consciencia.net/2006/0131-tv-digital.html>>. Acesso em: 06 dez. 2006.

<<http://www.consciencia.net/citacoes/marinho.html>>. Acesso em: 07 dez. 2006.

<<http://www.fazendomedia.com/globo40/globo40.htm>>. Acesso em: 07 dez. 2006.

<<http://www.estadao.com.br/economia/noticias/2005/set/06/165.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2007.

<<http://www.piratininga.org.br/artigos/2004/01/gindre-midia.html>>. Acesso em: 23 fev. 2007.

* Acadêmico da 3ª fase de Direito da UFSC.

Artigo inserido em 08 out. 2007.